

Júlia Giusti

feitas com canos PVC, que a gente lixou e deixou no formato desejado. O que operava diferente em cada foguete era a estética, com a pintura mais próxima do tema que cada grupo representava”, diz.

Presença feminina

Fernanda da Costa, 17 anos, conta que nunca havia imaginado participar de uma competição de foguetes e que se surpreendeu. “Eu sempre tive um lado de humanas, muito mais artístico e social, e nunca achei que seria capaz de entender sobre a dinâmica de um foguete”.

Maria Clara Sousa compartilha um sentimento parecido, por não ter muita afinidade com as áreas exatas. Ela considera que o incentivo do professor foi fundamental na descoberta de uma nova habilidade. “Eu sempre acreditei que não daria certo para as áreas de física e química, então achei que nem passaria da primeira fase na competição. Porém, eu descobri que era boa em exatas, o que veio muito do incentivo do professor Nicolas, que me mostrou que eu era capaz de fazer um foguete”, expõe.

Os relatos de Fernanda e Maria Clara chamam a atenção para a subpresença feminina na ciência, na qual as mulheres representam apenas 34% dos pesquisadores brasileiros e 31% das matrículas em cursos das áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (Stem), segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

O coordenador pedagógico do Sesc, Francisco Paz, percebe a diferença de interesses entre os meninos e as meninas. “Os meninos daqui já gostam de matemática, então tinham essa confiança de ganhar na competição. Já algumas meninas me falaram que nem sabiam como o foguete tinha alcançado tanta altura, porque não tinham tanto conhecimento nessa área”, afirma. Com isso, ele conta que a escola custeou a ida de todos os nove alunos da equipe, formada majoritariamente por meninas, para a competição no Rio de Janeiro, como forma de dar espaço, também, para elas em uma área que é tipicamente masculina.

Para Fernanda da Costa, a escola mostrou a perspectiva de que “não existe divisão entre exatas e humanas, você pode fazer o que quiser se tiver incentivo. Nem imaginávamos que podíamos ganhar”, celebra. Maria Clara também relata que foi procurada por



Marcos (E), Thuany, professor Nicolas (C), Maria Clara (D), Fernanda e Emanuely brilharam no RJ

Arquivo pessoal



Cada foguete foi pintado de forma personalizada com o tema deuses gregos

Arquivo pessoal



Lançamento de um dos foguetes

Arquivo pessoal



Equipes vencedoras levaram para casa um troféu de ouro e dois de prata

Resultados

- » **223,4 metros** — Zeus (Marcos Natã, João Paulo e José Emanuel)
- » **219,1 metros** — Hades (Ana Gabriella, Thuany e Anna Clara)
- » **218,1 metros** — Poseidon (Maria Clara, Fernanda Cassemiro e Emanuely Vitória)

muitas meninas interessadas em participar do projeto, acreditando que pode ser um exemplo para elas: “Não necessariamente você precisa ser de exatas para fazer um foguete, você pode fazê-lo mesmo sem ter noção de física”.

Experiência

Para Marcos Natã, 18 anos, a jornada de foguetes e receber o prêmio na Mobfog foi “muito emocionante”. Ele diz que ficou muito feliz por trazer medalha de ouro para casa, ainda mais por ser sua primeira vez na competição. Para Maria Clara, a experiência foi “transformadora”, considerando-se uma pessoa diferente desde o início da experiência.

Emanuely Vitória de Freitas, 17 anos, diz que foi motivada a participar da Olimpíada por causa do “de olho no céu”, projeto em que os estudantes passam a noite em um local observando os astros, já que a Mobfog dava pontos para o projeto. Ela considera que a vivência foi positiva para o currículo acadêmico, mas também aproveitou as oficinas e palestras, que foram “muito enriquecedoras”. Para Emanuely, a competição trouxe uma visão de que “astronomia não se trata só de cálculos, que eu também posso participar dessas práticas”.

O coordenador Francisco Paz também destaca a experiência de lidar com frustrações e a troca de conhecimentos entre os estudantes: “Não é só uma competição de foguete, e a gente fica muito feliz e orgulhoso por eles”. Para o professor Nicolas Lima, fica o aprendizado “para além da sala de aula, porque a ciência é investigativa”. Desde a competição interna até a viagem para o Rio de Janeiro e a premiação, ele descreve uma experiência única: “Voltar com uma medalha de ouro e duas de prata é uma emoção indescritível, só quem viveu esse momento sabe do que a gente está falando.”

*Estagiária sob supervisão de Marina Rodrigues